

UMA ANÁLISE DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS DA SEÇÃO DE INTRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS BASEADOS NOS ESTUDOS DE SWALES (1990)

Julia Caetano¹

Jane Marian²

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a seção de introdução de artigos científicos para verificar se o modelo CARS desenvolvido por Swales se aplica a escrita científica atual ou se há divergências. Foram analisados quarenta e oito textos em língua portuguesa da área de psicologia psicanalítica publicados entre o período de 1999 até 2018. Percebeu-se que alguns movimentos retóricos seguem o modelo apresentado pelo autor, mas que não seguem de forma rigorosa. Conclui-se que a análise e discussão sobre possíveis padrões da escrita científica faz-se necessária para que a comunicação entre os pesquisadores se torne cada vez mais eficaz e unificada.

Palavras-chave: Introdução. Artigo Científico. Análise do Discurso. Modelo CARS. Escrita Acadêmica.

¹ Aluna do 3º período do curso de Letras Português-Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail:* Juliacae2000@gmail.com

² Doutora em Estudos da Tradução pela UFSC. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* jane.marian@fae.edu

INTRODUÇÃO

Ao ingressar na universidade, o estudante se depara com diversas situações e dificuldades no ambiente acadêmico. Uma delas é lidar com os diferentes gêneros textuais solicitados pelos professores. Nesse sentido, é essencial refletir sobre a problemática: como desenvolver um bom texto se o acadêmico ainda não aprendeu a linguagem acadêmica e a terminologia da área? Esses obstáculos linguísticos podem ser uma barreira entre aluno e aquisição do conhecimento. Nessa fase inicial de imersão no curso e ambiente acadêmico muitos estudantes acabam desistindo, pois consideram impossível a missão de compreender o que o professor está falando.

Para que haja domínio do conteúdo é indispensável a assimilação dos termos específicos empregados na área de estudo. O gênero textual artigo científico é considerado o mais difícil justamente pela linguagem científica e termos técnicos empregados. Além do aluno ser obrigado a conhecer os elementos linguísticos que envolvem esse tipo de texto ele também precisará identificar os movimentos retóricos de cada seção para obter sucesso na produção do artigo.

Swales (1990) foi um dos linguistas que estudou e analisou as seções do artigo científico. Segundo o autor, uma das seções mais difíceis para o acadêmico iniciante é a introdução de um artigo científico. Portanto, o autor desenvolveu um estudo e elaborou o Modelo CARS (Create a Research Space) que apresenta movimentos retóricos descritos na seção da introdução com o objetivo de facilitar e padronizar a escrita acadêmica.

Segundo o autor, a introdução é uma parte muito importante de um Artigo Científico (AC), pois é nessa seção que o leitor decide se continuará a leitura completa do artigo ou não. Diferentemente de outros gêneros, o AC não exige que o leitor siga uma ordem específica ou fixa, podendo ler as diferentes seções de acordo com seu critério (AQUINO, 2012). Apesar dessa facilidade que envolve o gênero, muitos discentes encontram dificuldades, tanto para ler quanto para escrever seus próprios artigos. Sendo assim, Swales percebeu que não havia uma “receita” para a construção de uma introdução clara e isso foi um fator motivador para a sua contribuição na análise dos gêneros do discurso e nos campos da retórica.

Por meio de um modelo seria possível padronizar a escrita dos textos científicos, o que ajudaria a facilitar a leitura e entendimento dos textos científicos. A estratégia para facilitar o processo seria conhecer a estrutura e aplicar modelos e estratégias que facilitem o aprendizado do gênero textual.

Esse artigo visa fazer um recorte da seção da introdução de artigos científicos escritos em língua portuguesa e verificar se o modelo CARS apresentado por Swales (1990) é utilizado atualmente. Assim como, extrair exemplos de frases que são frequentemente utilizadas neste contexto para que sirvam como modelos ou *templates*.

1 A ESCRITA CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE

A escrita acadêmica está presente na vida do estudante desde o início da graduação, seja por meio de artigos científicos, resenhas, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações ou teses. Muitas universidades oferecem cursos ou disciplinas de escrita acadêmica para seus discentes com o objetivo de prepará-los para esta tarefa. Para que o aluno consiga redigir um bom texto dissertativo argumentativo é essencial fazer muitas leituras, possuir conhecimentos linguísticos, ter senso crítico e analítico, além de discernimento sobre os aspectos gráficos de formatação e lógica estrutural do gênero artigo científico.

Atualmente existem muitos manuais, livros e artigos apresentando dicas para facilitar a escrita acadêmica e científica. Um desses livros, que procura auxiliar pesquisadores iniciantes, é o livro *They Say, I Say: The Moves That Matter in Academic Writing* escrito por Graff e Birkenstein (2014). Essa obra visa oferecer exemplos de movimentos retóricos que simplificam e ajudam na produção textual de aprendizes sem muita experiência. Modelos e frases prontas agilizam o processo da escrita e deixam o texto com um nível mais profissional. Normalmente, os alunos demorariam mais tempo para internalizar naturalmente essas expressões e terminologias por meio apenas da leitura.

No entanto, a leitura possibilita novas descobertas e não há como produzir um texto sem que haja muita leitura prévia e investigações. Conforme Aquino (2010) afirma, a leitura não é algo que se põe no currículo, mas um grande currículo tem como base o tempo dedicado à leitura. Quanto mais se lê, em tese, melhor se escreve. O que sugere que quanto mais o aluno lê, mais aprimorada torna-se sua escrita.

Por que a escrita científica é importante? Graff e Birkenstein (2014) argumentam que é por meio da escrita científica que se torna possível adentrar na discussão e ser relevante no debate da academia. Para os autores, ao escrever o indivíduo está respondendo, contestando, concordando ou questionando algo que outros já disseram ou pesquisaram, ou seja, está fazendo parte desta comunidade.

Sabe-se também que é por meio da produção de artigos que se promove o ensino pela pesquisa e faz do aluno um indivíduo crítico e ativo no mundo em que o cerca.

E uma vez que o mesmo é requisito para a conclusão de curso, pode-se afirmar que a investigação serve para “ampliar o conhecimento não apenas em relação ao objeto estudado, mas principalmente pela possibilidade de extrair dele, todas as contribuições diretas e indiretas que visam ao bem-estar social” (GONÇALVES; WANDERLEY; NASCIMENTO, 2014, p. 2).

Forattini (1996) argumenta que o artigo científico apresenta dois impactos relevantes: o cultural e o econômico. Sendo o primeiro aquele que procura enriquecer o acervo de conhecimentos, sem ter obrigatoriamente uma função prática. O segundo ponto de vista diz respeito ao impacto à natureza intrínseca do estudo aplicado, que pode ser medido pelos produtos resultantes do aperfeiçoamento tecnológico sendo passível de comissões, patentes etc.

O discurso científico por mais neutro que possa tentar ser, ainda reflete o pensamento de seu autor, pois a própria escolha de palavras revela o posicionamento do autor (KOCH, 2011 apud SILVA, SILVA e MARIAN, 2018).

No Brasil predomina-se o uso da escrita na terceira pessoa, fator que distancia o autor de seu leitor. No entanto, o uso do sujeito em terceira pessoa em conjunto com os verbos no presente do indicativo ou o pretérito perfeito do indicativo atribuem um tipo de narração fatural e objetiva perante o objeto de estudo, mostrando uma verdade científica dos fatos.

O discurso em primeira pessoa também possui seus defensores no Brasil, por exemplo, o Dr. Gilson Luiz Volpato, professor universitário e autor, afirma que o uso da primeira pessoa é capaz de retirar a prepotência e indicar que as conclusões podem ser variáveis. Volpato (2015, p. 9) enfatiza que “muitas das melhores revistas do mundo têm a redação em primeira pessoa”. Contudo, ainda é uma linguagem menos aceita se comparado ao discurso em terceira pessoa.

Portanto, a escrita acadêmica não é apenas uma porta de entrada, mas um meio de interagir com a comunidade científica podendo relacionar-se culturalmente e economicamente ao mesmo tempo que colabora para o aprendizado intrínseco que requer esse fazer pedagógico que possibilita uma ação participativa, crítica e criativa que desperta no aluno a busca de novos saberes (GONÇALVES; WANDERLEY; NASCIMENTO, 2014). Tudo isso, por meio de um gênero escrito e estruturado para melhor compreensão e objetividade na mensagem por meio da argumentação, torna-se possível construir conhecimento.

Cada gênero textual possui características relativamente estáveis que permitem que reconheçamos esse evento textual, na escrita acadêmica não é diferente. Essas características são chamadas de conteúdo temático, segundo a visão bakhtiniana, e

presumem padrões possíveis e padrões improváveis ou não-possíveis pelos quais pode-se reconhecer desde um bilhete até uma monografia.

Buscar os padrões desse gênero ajuda a guiar as escolhas de aprendizes iniciantes e é por meio desses modelos da oratória que Swales (1990) identificou três movimentos retóricos na seção de introdução de artigos científicos utilizando a linguística de Corpus. Neste artigo o objetivo é investigar se os padrões encontrados por Swales em 1990 ainda se apresentam da mesma maneira e se estão presentes também na escrita do português brasileiro.

Esses movimentos retóricos estão presentes nas frases mais simples até os parágrafos mais complexos. Se o estudante entendesse esses padrões linguísticos facilitaria não só para melhorar a sua escrita, mas também sua comunicação e oratória. Quando se trata de conseguir transmitir uma informação, defender um argumento ou apontar uma inovação o discurso é fator chave do processo.

2 O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO CIENTÍFICO

Os gêneros textuais fazem parte da comunicação humana utilizada em diferentes níveis situacionais desde uma mensagem mais simples utilizada numa conversa informal de WhatsApp até uma mais complexa como uma tese de doutorado. Esses gêneros estão em constante adaptação, conforme a necessidade humana. Conforme Marcuschi (2002, p. 1) eles surgem “[...] emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”.

Esses agrupamentos de textos que possuem características e propriedades comuns, se modificam sem perder a essência, o que permite ao leitor identificá-los. De modo que “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKTHIN, 1997, p. 279).

Para Bakthin (1997) os enunciados devem ser vistos na sua função, no processo de interação com o outro. Esse ponto de vista deu origem a teoria da enunciação. Em outras palavras, os gêneros devem servir ao propósito ou finalidade requerida na situação discursiva das pessoas. Cada ambiente possui sua própria finalidade, a esfera de trabalho exige uma linguagem diferente, mais formal, necessitando uma adequação de linguagem.

Ao iniciar a graduação, o discente se depara com o artigo científico, que simboliza um ponto de transição entre um acadêmico e um estudante do ensino regular. Por mais que na escola de ensino fundamental e médio a escrita formal seja cobrada, não se exige o método científico para exposição dos resultados. Na universidade existe uma certa austeridade em relação aos dados apresentados e formatação incluindo referências e especificidades propostas por cada instituição ou revista as quais o artigo poderá ser submetido.

Bakhtin (1997) divide os gêneros em primários e secundários ou simples e complexos. Os primários são predominantemente orais e pertencem à comunicação verbal espontânea, tendo relação direta com o contexto imediato, enquanto os gêneros secundários são predominantemente escritos e pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, integrando a comunicação jornalística, jurídica, religiosa, política, entre outras. O artigo se enquadra como gênero secundário podendo incluir em si mesmo outros gêneros tanto secundários quanto primários como acontece, por exemplo, se o estudo apresenta uma análise de charge ou quando há uma comunicação em congresso.

Segundo as normas da ABNT NBR 6022/2003, que apresenta as disposições para artigos em publicação periódica científica impressa, define artigo científico como: "Parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento" (ABNT, 2003, p. 2). Podendo ser um artigo de revisão ou original. Cada elemento aparece em uma ordem específica no texto. Essa ordem de estruturação se classifica em elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os elementos pré-textuais são: título, subtítulo, autoria, resumo e palavras-chave. Os elementos textuais são as seções de introdução, desenvolvimento e conclusão. Por fim, título, subtítulo, resumo e palavras-chave em língua estrangeira, notas explicativas, referências, glossário, apêndices e anexos compõe os elementos pós-textuais.

O que caracteriza cada gênero é seu conteúdo temático, sua construção composicional e seu estilo. O conteúdo temático corresponde ao conjunto de temáticas que podem ser abordadas por um determinado gênero, um domínio comum de sentido, não necessariamente o assunto da obra. A construção composicional se refere à estrutura do enunciado. E o estilo se confere por meio da escolha dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais no enunciado.

O conteúdo temático do artigo encontra-se na articulação entre a apreciação dos acontecimentos sociais e a questão do ponto de vista da autoria. A posição do autor interfere no tratamento e organização das diferentes vozes no texto. Segundo o ângulo escolhido pelo autor na incorporação das vozes no texto pode-se notar a presença de movimentos dialógicos, como o movimento de distanciamento (desqualificação das vozes às quais o autor se opõe) ou o movimento de assimilação (avaliação positiva por parte do autor). Esses movimentos podem ser encontrados em diversos gêneros, como o gênero notícia (PEREIRA; RODRIGUES, 2010).

A escrita científica inclui a comunicação formal, que configura o enunciado como tendo um estilo oficial. Portanto, o uso dos movimentos retóricos na exposição dos temas é imprescindível para um entendimento do texto e para manter a fluidez do artigo. Esses movimentos retóricos foram estudados pelo linguista John Swales em 1990, no

qual ele estabeleceu os *moves* (movimentos) e *steps* (passos) que os compõem, criando o modelo CARS (*Create A Research Space*). Esses movimentos são as “ações” no texto e incluem a delimitação do estudo, a revisão de literatura e introdução de objetivos.

3 A SEÇÃO DE INTRODUÇÃO NO ARTIGO CIENTÍFICO

A seção de introdução no artigo é a parte que antecede o desenvolvimento e “deve incluir o presente, o passado e o agora” (AQUINO, 2010, p. 33). Isso envolve a contextualização da pesquisa e seus objetivos, situando o leitor sobre o estudo e a necessidade do mesmo, podendo oferecer “uma visão geral sobre a situação da presente pesquisa em relação ao estágio ou estágios já alcançados anteriormente” (RODRIGUES, 1998, p. 51). O que corrobora com a noção de Aquino acerca de incluir o presente, o passado e o agora.

Todo texto científico possui ou deveria incluir uma introdução. Esse texto inicial ajuda a delimitar o território da pesquisa, seus objetivos, motivações e justificativas, esclarecendo ao leitor o contexto, situação do problema, o porquê da pesquisa e o objetivo final. Por ser, em tese, a primeira parte escrita, muitos estudantes encontram dificuldades frente à folha em branco.

Podem-se valer de citações diretas e indiretas para aumentar sua credibilidade referente ao tópico discutido e argumentações. A forma de construção do texto pode modificar a compreensão do leitor. Portanto, as palavras escolhidas pelo autor têm influência direta em como sua mensagem será passada e interpretada.

Para Gibbon (2012, p. 219) a introdução “[...] é o primeiro contato textual mais íntimo que o autor estabelece com o leitor. É nesse momento que o autor vai se utilizar de estratégias para iniciar um diálogo com o leitor, a fim de convencê-lo de que seu texto é atraente”. É nesta etapa que muitas vezes o leitor decide se vai continuar com a leitura ou não. Dessa forma, a introdução assume um papel importante dentro da escrita científica, sendo responsável pelos argumentos que irá utilizar para convencer e atrair a atenção do leitor no sentido de permanecer até o final da leitura do artigo.

Garcia (2007, p. 411) traz a noção de que a introdução deve “[...] dar ao leitor uma ideia clara e concisa do assunto, delinear sucintamente o plano do trabalho e indicarlhe o propósito [...], mencionar outros estudos, pesquisas e conclusões relacionados com o assunto em pauta”. Por meio da linguagem, fundamentação e dos operadores argumentativos é possível prender a atenção do leitor e demonstrar credibilidade quanto às informações expostas, de modo a apresentá-las pelo método lógico.

Não havendo uma fórmula para a introdução perfeita, Swales (1990) criou o modelo CARS (*Create a research space*) por meio da observação de fatores comuns

em introduções de diversos textos de áreas diferentes e que evidenciam movimentos presentes nesta seção do artigo. Os estudos do autor foram desenvolvidos com base em um corpus de 48 introduções de artigos científicos na língua inglesa. Como resultado, foram encontrados, inicialmente, quatro movimentos retóricos regulares: movimento 1: estabelecer o campo de pesquisa; movimento 2: resumir a pesquisa prévia; movimento 3: preparar para a presente pesquisa e; movimento 4: introduzir a pesquisa. Numa segunda etapa foram analisadas mais 110 introduções de três áreas diferentes em parceria com outro pesquisador, em 1987. Em 1990, Swales reformula o modelo CARS, com base nas críticas recebidas, e o modelo é reduzido em três movimentos: 1 estabelecer um território; 2 estabelecer um nicho e; 3 ocupar o nicho. Esses três movimentos foram subdivididos em *steps* (passos) que podem excluir-se ou acrescentar-se uns aos outros no texto. Esse sistema acabou por sofisticar o modelo de forma sucinta.

QUADRO 1- Creating a research space (CARS Model).

MOVE 1: ESTABLISHING A TERRITORY	ESTABELECE O TERRITÓRIO	
STEP 1: Claiming centrality STEP 2: Making topic generalizations STEP 3: Reviewing items of previous research	PASSO 1: Estabelecer a importância do estudo PASSO 2: Fazer generalizações quanto ao tópico PASSO 3: Revisar a literatura de pesquisas prévias	SITUATION
MOVE 2: ESTABLISHING A NICHE	ESTABELECE O NICHO	
STEP 1A: Counter-claiming STEP 1B: Indicating a gap STEP 1C: Question-raising STEP 1D: Continuing a tradition	PASSO 1A: Contra argumentar PASSO 1B: Indicar uma lacuna PASSO 1C: Levantar questionamento PASSO 1D: Continuar a tradição	PROBLEM
MOVE 3: OCCUPYING THE NICHE	OCUPAR O NICHO	
STEP 1A: Outlining purposes STEP 1B: Announcing present research STEP 2: Announcing principal findings STEP 3: Indicating RA structure	PASSO 1A: Delinear os objetivos PASSO 1B: Anunciar a presente pesquisa PASSO 2: Apresentar os principais achados PASSO 3: Indicar a estrutura do artigo	SOLUTION

FONTE: Jonh M. Swales, *Genre Analysis* (1990, p.141) – Tradução das autoras (2019).

O Movimento 1, Estabelecendo um território, possui três passos. O primeiro, *Claiming centrality* (Reivindicando centralidade), é a parte do discurso na qual o autor apresenta seu trabalho como parte significativa de uma área de estudo. “Isso pode ser feito mostrando o interesse ou a importância, referindo-se a textos clássicos sobre o assunto ou a outros investigadores ativos na mesma área” (GIBBON, 2012, p. 221). O passo 2, *Making topic generalization(s)* (Construindo um tópico generalizado), é organizado em torno de duas categorias: declarações sobre conhecimento/prática ou sobre o fenômeno (SWALES, 1990, p.146 apud GIBBON, 2012, p. 221). O terceiro passo,

Reviewing items of previous research (Resenhando pesquisas anteriores), é uma espécie de revisão dos itens que o autor considera relevantes para estabelecer seu espaço na área em estudo.

O Movimento 2, *Establishing a niche* (Estabelecendo um nicho), tem apenas um passo que pode ser realizado de quatro formas: passo 1A, *Counter-claiming* (Contra-argumentando), ou passo 1B, *Indicating a gap* (Indicando lacunas), ou passo 1C, *Question-raising* (Provocando questões), ou passo 1D, *Continuing a tradition* (Continuando a tradição). Geralmente iniciado com uma conjunção adversativa (entretanto, mas, porém etc.). Nesse movimento retórico, o autor indica falhas sobre outros trabalhos já comentados, questões não abordadas, dando destaque ao seu papel no campo e em sua presente contribuição: “há um ponto falho nos trabalhos anteriores ou um ponto não discutido que a pesquisa em questão vem resolver” (SWALES, 1990, p.155 apud GIBBON, 2012, p. 221).

O objetivo do Movimento 3, *Occupying the niche* (Ocupando o nicho), é preencher o espaço estabelecido no Movimento 2 com uma pesquisa que justifique escrever o texto. O primeiro passo está dividido em dois momentos: passo 1A (Delineando os objetivos) e/ou passo 1B (Apresentando a pesquisa), em que ocorre um tipo de declaração de esperança, no sentido de visar responder ao Movimento 2 mostrando que a nova pesquisa pode ocupar o espaço reclamado. Pode-se também optar por escrever os resultados da pesquisa (passo 2) e indicar a estrutura do artigo (passo 3). Seguir todos os passos não é obrigatório, mas é uma forma de adequar a escrita e garantir que as informações fiquem claras para o leitor.

A maioria das introduções termina no Movimento 3, passo 1. No corpus de Swales somente 7% das introduções de cunho social vão além do passo 1. O passo 2, *Announcing principal findings* (Anunciando os principais resultados), é geralmente ignorado e quando muito encontra-se o passo 3, *Indicating the structure of the research article* (Indicando a estrutura do texto), no final das introduções (SWALES, 1990, p.160 apud GIBBON, 2012, p. 222).

4 O PAPEL DA LINGUÍSTICA DE CORPUS PARA A ESCRITA CIENTÍFICA

Apesar de ser uma área de estudo relativamente recente dentro da linguística, a Linguística de Corpus (LC) dedica-se a seleção e estudo de corpora, ou agrupamento de informações linguísticas textuais eleitas de forma criteriosa, com o objetivo de serem utilizadas para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Nesse sentido, a Linguística de Corpus “[...] dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador” (SARDINHA, 2004, p. 3).

O sentido original da palavra corpus significa corpo, conjunto de documentos. Sendo assim, a LC reúne uma coletânea de textos originais e submete-os à uma análise linguística de acordo com objetivos específicos pertinentes sob o olhar do pesquisador. Os corpora (plural de corpus) não eram eletrônicos até o séc. XX. Até 1959 eles eram coletados, mantidos e analisados manualmente, o que fazia com que o processo fosse longo e desgastante. A ênfase das pesquisas da época era o ensino de línguas.

A LC é utilizada na produção de dicionários, gramáticas e livros didáticos, especialmente, para o ensino de línguas. Essa área da linguística tem sido usada também para auxiliar tradutores, pois permite visualizar expressões em seus usos concretos e autênticos. Considerando que o tradutor nem sempre traduz o texto para a sua língua materna (o que seria considerado o ideal) a LC e ferramentas computacionais podem dar insights para o tradutor na hora de selecionar o equivalente tradutório que é frequentemente utilizado em uma linguagem natural por falantes nativos. De acordo com a abordagem de Halliday (1994 apud SARDINHA, 2000), a linguagem é previsível, ou seja, existe certa probabilidade e expectativa do receptor em ouvir ou ler um conjunto de palavras.

No final dos anos de 1950, com a contribuição de Noam Chomsky no campo da linguagem, as críticas a abordagens baseadas em corpus ganharam força negativa. Ele reprovava o uso de corpora gigantescos manipulados artesanalmente, pois considerava que não eram confiáveis. No entanto, com a chegada dos computadores, foram desenvolvidos programas de análises linguísticas e novos pesquisadores começaram a desenvolver projetos baseados em corpora.

No entanto, foi um corpus não computadorizado que deu feição aos corpora atuais, o SEU (*Survey of English Usage*), compilado por Randolph Quirk e sua equipe, em Londres, a partir de 1959, planejado para conter 1 milhão de palavras. Esse corpus serviu como referência para outros corpora, pois era representativo para a época. Dentro dessa abordagem, quanto maior o corpus, mais representativo ele será, pois aumentam as chances ou probabilidades de ocorrências do léxico.

Mais de uma década depois, com a invenção do computador, a análise e compilação dos corpora foi otimizada, juntamente com o tempo gasto no processamento, facilitando a criação de corpora maiores. A chegada de microcomputadores pessoais, em 1980, permitiu a popularização de corpora e suas ferramentas de processamento e, por conseguinte, contribuiu para o fortalecimento da pesquisa linguística baseada em corpus.

A informatização favoreceu em muitos os aspectos a vida das pessoas. No âmbito empresarial as possibilidades de processamento automático de textos, informatizações de grandes bases de dados, a montagem de sistemas inteligentes de reconhecimento de voz e gerenciamento de informação fizeram com que grandes empresas de telecomunicações reconhecessem o potencial econômico do campo.

Como se pode perceber, a LC traz uma multiplicidade de usos para o aprendizado, pesquisa e escrita. Com o uso correto das ferramentas é possível fazer com que o acadêmico amplie seu vocabulário em menos tempo vendo seu contexto e utilização concreta. Obviamente, para isso acontecer sempre existirá o primeiro esforço em compilar e organizar o corpus de seu interesse.

Não há uma quantidade mínima estimada de textos necessários para a formação de um corpus sendo o critério de tamanho estipulado pelo pesquisador conforme objetivos da investigação. No entanto, observa-se que quanto mais representativo, ou seja, mais textos forem analisados, melhores serão os resultados obtidos.

Focando na área da linguística é possível estabelecer uma padronização evidenciada pela recorrência, estipulando um padrão lexical ou léxico-gramatical. “A linguagem forma padrões que apresentam regularidade (se mostram estáveis em momentos distintos, isto é, tem frequência comparável em corpora distintos) e variação sistemática (correlacionam-se com variedades textuais, genéricas, dialetais etc.)” (SARDINHA, 2000. p. 351).

Em outras palavras, é também um campo que permite explorar as variações sociais, dialetais e textuais por meio da compilação, descrição e comparação de dados regulares que constituem um padrão no contexto da pesquisa. Desse modo, pode-se, por exemplo, reunir e descobrir as gírias do vocabulário de gerações diferentes ou perceber sua evolução de forma sincrônica ou diacrônica. Os corpora não precisam ser, necessariamente textos escritos, podendo ser compostos de um acervo de áudio também.

Um corpus como fonte de informação fornece a capacidade de registrar a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais e possibilita a investigação da frequência de ocorrência de traços linguísticos de várias ordens (lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos etc.) e contribuindo para medir a probabilidade de suas ocorrências.

Essa otimização do tempo gerada pela compilação de corpora poderia também aplicar-se a pesquisa, se o aluno reunisse os textos de estudo para, por exemplo, localizar os conceitos centrais ou palavras-chave da pesquisa. Sendo assim, é uma ferramenta que pode aprimorar a escrita e facilitar a vida do acadêmico que estiver disposto a explorar essa possibilidade.

Permite ao pesquisador encontrar os padrões de seu interesse, em dada amostra compilada e visualizar não só a situação isolada, mas também seu contexto. Isso pode ser utilizado em diversos campos de pesquisa envolvendo a linguagem e a comunicação.

Por meio da observação empírica, a linguística de Corpus não se dedica a um assunto definido (LEECH, 1992, p.106 apud SARDINHA, 2000, p. 355). Portanto, é

aplicável em diversos contextos realistas, sendo considerada por alguns, como um tipo de metodologia, embora o tema gere discordâncias de grande parte dos estudiosos.

Uma terceira possibilidade que se apresenta é que a Linguística de Corpus não é nem disciplina nem metodologia. Segundo Hoey (1997, apud Sardinha, 2000, p. 357), a Linguística de Corpus “[...] não é um ramo da linguística, mas a rota para a linguística”, ou seja, seria considerada mais como uma abordagem utilizada para fazer pesquisas. No Brasil, a LC ainda está em seu estágio inicial, poucos pesquisadores se dedicam a esta temática, mas há um crescimento de áreas de pesquisa interessadas em seu leque de possibilidades.

5 METODOLOGIA

Foi utilizada uma metodologia empírica inspirada na abordagem da linguística de corpus, que visa analisar a linguagem tanto de forma quantitativa quanto qualitativa. Para a amostra do corpus de estudo foram compilados 48 artigos científicos (AC) da área de Psicologia, mais especificamente os que se inserem na abordagem psicanalítica inserida no âmbito das teorias da personalidade.

Para verificar o modelo CARS num contexto pragmático mais atual foram selecionados apenas artigos publicados entre os anos 2000 até 2018 para corresponder a escrita atual dos pesquisadores. Depois da compilação desses textos foi realizada a conversão dos arquivos, do formato pdf para o formato txt (o único que possibilita utilizar a ferramenta *AntConc* para análise) e, na sequência, a limpeza dos textos que consistiu em apagar espaços duplos, corrigir caracteres que falharam durante a conversão, deixando apenas o texto em si. Esse processo de limpeza de textos foi desenvolvido manualmente, por meio da comparação com os textos originais.

Uma vez convertidos e limpos, iniciou-se a etapa de análise dos movimentos retóricos comparando-se com os que foram apresentados no modelo CARS (SWALES, 1990). Depois de analisados, os resultados foram organizados em uma planilha do Excel 2010, onde foram classificados em categorias. Tais categorias foram: ano de publicação; movimentos encontrados; artigos originais ou de revisão e se havia algum fator não citado pelo modelo CARS.

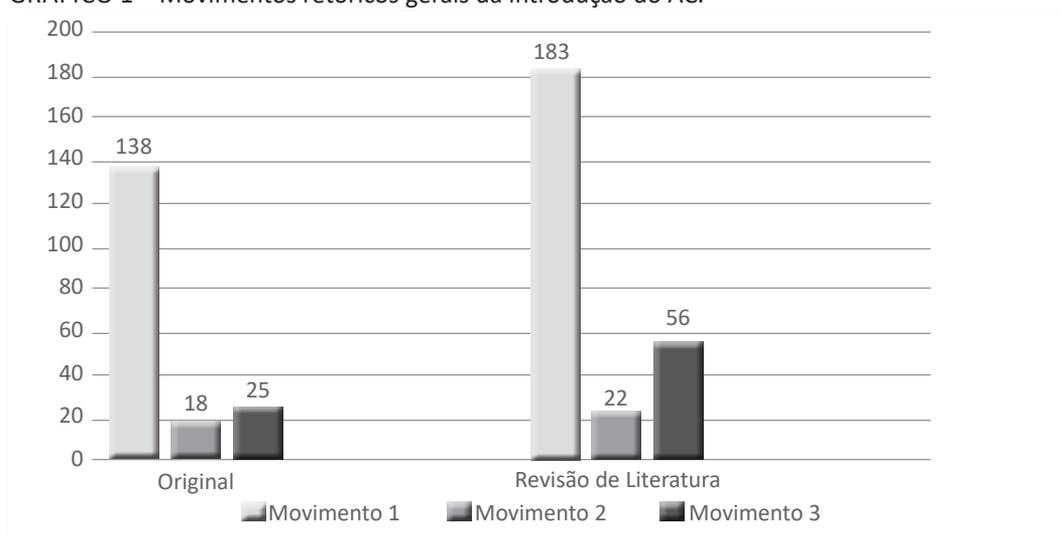
A última etapa foi a análise dos textos com o programa *AntConc* e a compilação de modelos de frases para facilitar o entendimento e comunicação dos estudantes iniciantes. Esses templates foram baseados também no livro *They Say / I Say – The moves that matter in academic writing* de Graff e Birkenstein (2014) e no livro *Genre Analysis* de Swales (1990).

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nessa seção, são apresentados os resultados obtidos na análise linguística das 48 introduções dos artigos científicos selecionados para compor a amostra. Primeiramente, apresentou-se um panorama dos movimentos retóricos encontrados, segundo a proposição de Swales (1990), utilizando o modelo CARS. Na sequência, mostrou-se uma comparação acerca das semelhanças entre os dois tipos de AC, o original ou de revisão de literatura, relacionando-as com a base teórica utilizada. A finalidade foi observar como os autores começavam e terminavam a seção da introdução e verificar se o padrão encontrado confirmava as proposições do autor supracitado. Por fim, entrou-se no âmbito da análise por meio do programa *AntConc*, usado para a obtenção de exemplos extraídos dos textos originais.

Segundo Swales (1990) existem múltiplas possibilidades discursivas que o pesquisador pode optar por seguir na abordagem escrita da introdução do artigo científico. No entanto, o propósito de um artigo é sempre apresentar um “problema-solução”. Nesse sentido, espera-se que o escritor apresente o contexto, problema e solução para a investigação. Com o intuito de verificar padrões que possam auxiliar pesquisadores na escrita de uma introdução mais eficiente o autor analisou os movimentos retóricos e classificou em três movimentos: estabelecer o território, estabelecer o nicho e ocupar o nicho. O gráfico abaixo visa representar os movimentos retóricos encontrados nas 48 introduções dos artigos analisados nesta pesquisa. Estes foram separados por tipos de AC, originais e de revisão de literatura, pois essa classificação pode influenciar nos resultados e na forma como o autor produz o texto.

GRÁFICO 1 – Movimentos retóricos gerais da introdução do AC.



FONTE: As autoras (2018)

O gráfico acima mostra todos os movimentos retóricos que apareceram nas introduções dos artigos científicos. A amostra foi representada por 48 ACs, 34 de revisão de literatura e 14 originais. Percebeu-se que a presença de todos os três movimentos em uma mesma introdução ocorreu somente em 52% do total da amostra, ou seja, 48% da introdução dos artigos não eram compostos pelos três movimentos.

Como representado no gráfico 1, o Movimento 1, que mostra a importância da pesquisa e contextualiza o tema de estudo, foi o mais encontrado nas seções de introduções. Uma possível explicação para o fenômeno seria o fato de que 70% dos artigos analisados foram de revisão de literatura. Esse achado corrobora com a proposta de Swales (1990), Gibbon (2012) e Rodrigues (1998), que afirmam que a introdução deve tanto situar o leitor em relação ao assunto e respectivo propósito quanto oferecer uma visão geral sobre a situação da presente pesquisa em relação aos estágios já alcançados anteriormente.

Conforme é possível visualizar no gráfico 1, o Movimento retórico menos encontrado na seção das introduções foi o Movimento 2, que se tratava de mostrar ao leitor o problema que motivou a pesquisa ou ao ato de *contra argumentar*. Isso significa que nem todas as introduções da área de psicologia psicanalítica apresentaram o que propõe Swales (1990) quando fala da dinâmica “problema-solução”, ou seja, nem todos os autores apresentaram o problema de forma clara na introdução.

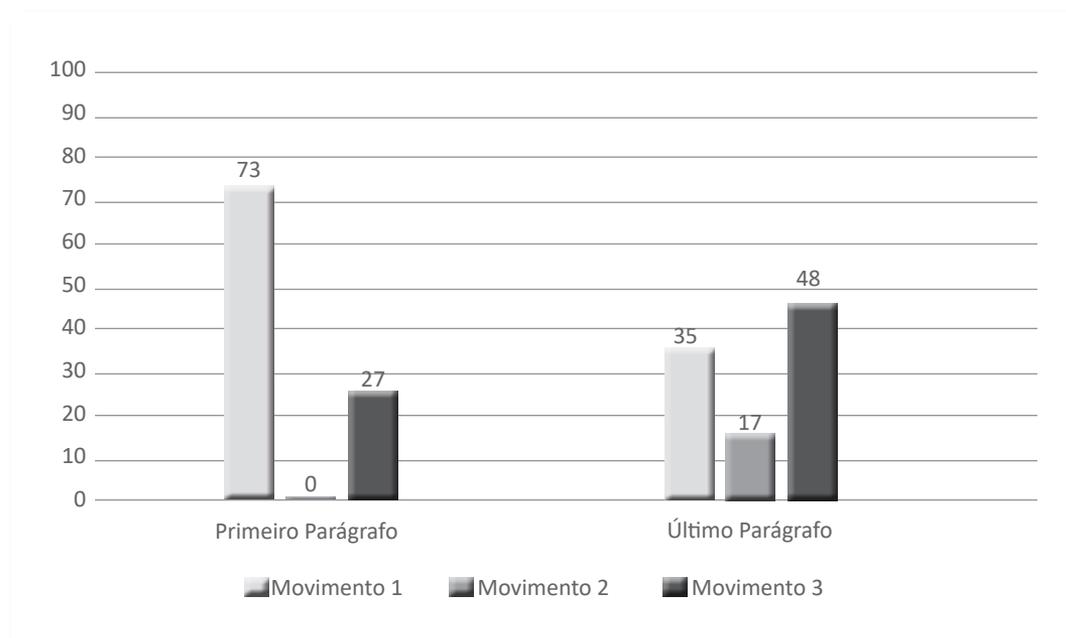
Para Schimel (2012) as impressões iniciais são fortes e duradouras, as primeiras palavras de um artigo devem assumir uma posição de poder. Para o autor essas palavras devem ser utilizadas para atingir três objetivos: mostrar ao leitor o problema que conduziu a pesquisa, apresentar os personagens (autores) e direcionar a audiência (objetivos). Se o autor não destaca o problema na pesquisa de forma clara, obviamente, existe uma lacuna na introdução de seu artigo, pois sabe-se que toda pesquisa só inicia a partir de um problema ou pergunta de pesquisa.

Analisando todos os artigos percebeu-se que, no recorte selecionado, a metade das introduções começa com o Mov. 1 passo 2 do modelo CARS, que corresponde ao ato de fazer uma afirmação geral acerca do tópico. Outras sete, iniciaram com a exposição dos objetivos (Mov. 3, passo 1A) e nove com revisões de literatura (Mov.1, passo 3). O fato de que a maioria dos textos analisados começou com o Movimento 1 significa que se está seguindo a estrutura de escrever a introdução de um núcleo geral para o específico, conforme proposto por Swales (1990).

Ao analisar apenas o parágrafo inicial das introduções (gráfico 2), percebeu-se que o primeiro parágrafo começa com o Movimento 1 (73%) ou com o movimento 3

(27%). Quando o autor utiliza o Movimento 1, ele estabelece a importância da pesquisa, faz generalizações quanto ao tópico e revisa a literatura. No entanto, quando decide começar com o Movimento 3 ele inicia delineando os objetivos e apresentando a pesquisa ao leitor.

GRÁFICO 2 – Movimentos retóricos do primeiro e último parágrafo da introdução.

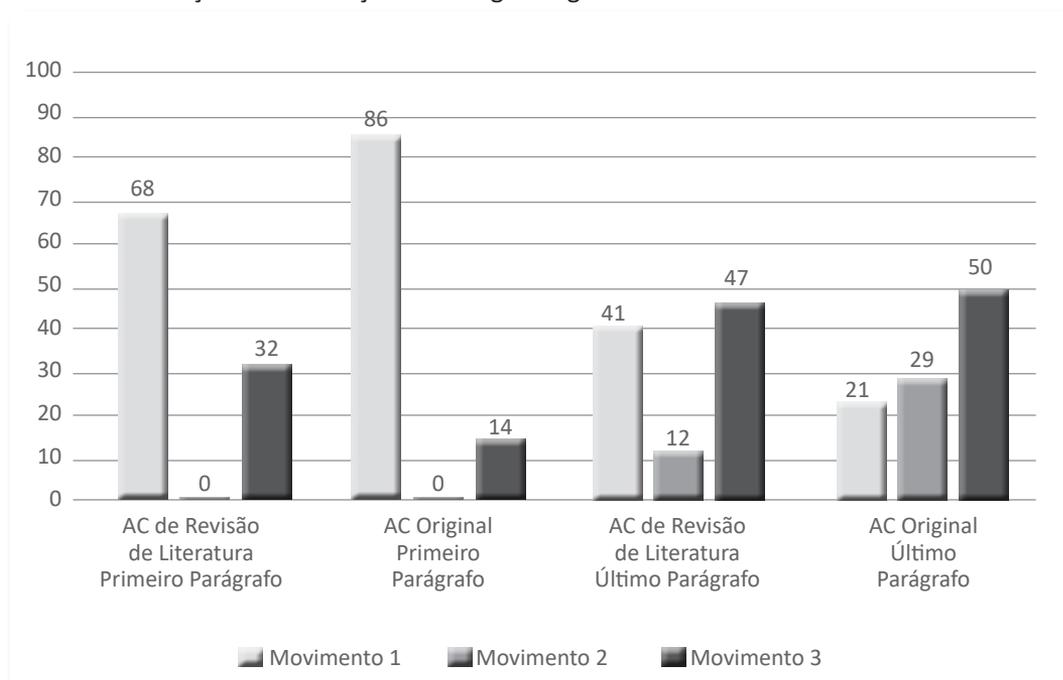


FONTE: As autoras (2018)

O último parágrafo das introduções analisadas evidenciou que 48% dos textos terminavam com o objetivo da pesquisa. Conforme aponta Aquino (2010) a introdução deve apontar o presente (a importância da pesquisa), o passado (o que já foi feito) e o futuro (soluções possíveis, terminando com o objetivo). Dentre os resultados da pesquisa 35% finalizaram a introdução com a revisão da literatura, importância do tópico ou fazendo generalizações e 17% cessaram com o problema ou questionamentos. É importante observar que 71% dos textos eram artigos de revisão de literatura e os outros 29% eram artigos científicos de pesquisas originais/empíricas, ou seja, esse fator pode ter influenciado na escrita da introdução.

Por isso, os artigos originais e de revisão de literatura foram separados para a análise. O gráfico a seguir ilustra os resultados referentes aos artigos originais e de revisão de literatura, de forma comparada, tanto dos parágrafos iniciais quanto dos finais.

GRÁFICO 3 – Seção da introdução dos artigos originais e de revisão de literatura.



Fonte: Autoras (2018)

Na análise e comparação entre os ACs originais e os de revisão de literatura foi possível perceber que em ambos os tipos de artigo, revisão de literatura (68%) ou pesquisa original (86%), começam com a importância da pesquisa, fazendo generalizações sobre o assunto e mostrando a revisão da literatura (movimento 1). Conforme proposto por Swales (1990) essa é a estrutura que separa uma abertura de um AC para que o leitor compreenda a importância da pesquisa e saiba até onde foram os estudos e o conhecimento da área em questão.

Uma parcela menor (32%) nos artigos de revisão de literatura e (14%) nos artigos originais começam a seção da introdução com o objetivo da pesquisa (Movimento 3). E, conseqüentemente, observou-se, também, que o Movimento 2 não apareceu em nenhum dos dois tipos de artigos.

Quanto ao último parágrafo, conforme apresentado no Gráfico 3, indica que nos AC de revisão de literatura 47% finalizam com os objetivos da pesquisa (movimento 3), assim como, 50% dos AC originais também cessam com os objetivos. Quando se fala em como se termina uma introdução, Swales (1990) afirma que é nessa parte do texto que o leitor deveria encontrar os objetivos. Na amostra de 48 artigos analisados, isso também se confirma, visto que o Movimento referente aos objetivos ocorre de forma frequente. Essa maior ocorrência dos objetivos finalizando a introdução é mais perceptível nos ACs originais do que nos de revisão de literatura. Essa amostra, nos

revela que o modelo CARS proposto por Swales (1990) contempla de forma satisfatória essa tendência de padronização. Observou-se que mesmo os movimentos retóricos não estando na ordem apresentada pelo modelo CARS eles estavam presentes nas introduções. Isso significa que existe um alinhamento em relação a escrita científica. Essa uniformização é esperada pelos leitores experientes, pois auxilia na interpretação e entendimento, melhorando, assim, o fluxo das informações.

Nesse sentido, a função social do gênero textual artigo científico visa divulgar o conhecimento para uma comunidade científica com características singulares e deve seguir uma padronização para que possa ser facilmente compreendido.

Assim como mencionado anteriormente, a estrutura textual de um artigo deve ser normatizada. Sardinha (2004) propõe que a linguagem pode ser prevista de forma probabilística. Isso acontece porque a forma como tentamos transmitir um determinado conhecimento em uma dada área varia de conteúdo, mas não pode variar muito na forma, pois existe uma certa expectativa do leitor. Isso faz com que, por meio do software *AntConc* seja possível perceber dados frequentes dentro de uma coletânea de textos que forme um corpus representativo. O software *AntConc*, de análises linguísticas, desenvolvido por Laurence Anthony³ que possibilita analisar os dados de forma quantitativa e qualitativa auxilia o pesquisador no processo de observação e extração de exemplos reais de uso. Ao verificar os dados pôde-se estabelecer uma relação direta entre os movimentos retóricos encontrados e as expressões que mais apareceram nas introduções.

Visto que, o movimento mais encontrado foi o Movimento 1, referente à contextualização, observou-se que os movimentos retóricos buscavam mostrar a importância da área, revisão de literatura, citação de autores e explicação de conceitos da área.

Os exemplos do quadro 1 foram retirados dos corpora *de* psicologia psicanalítica e baseados nos modelos de *templates* propostos por Swales (1990) e Graff e Birkenstein (2014), com o objetivo de evidenciar a argumentação que ocorre dentro dos movimentos retóricos. Esta amostra representa o Movimento 1, que é o movimento que mais ocorreu dentro da seção da introdução do artigo científico. Para Graff e Birkenstein (2014) o estudo dos movimentos retóricos é importante para os acadêmicos, pois ao reler seus rascunhos observando os modelos linguísticos, poderão identificar falhas em seus argumentos, desconexões entre ideias, resumos inadequados e citações mal integradas, enfim, pontos que podem ser melhorados.

³ Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc>> Acesso em: jun. 2019.

Estabelecer a importância do estudo:

O próprio autor reconhece que ____
Portanto, percebe-se a importância de ____
Essas conclusões são significativas porque ____
Logo, estima-se que é importante ____
X pesquisas confirmam a relevância/importância de ____
Destaca-se a importância do tema, pois ____
O conhecimento de ____ tem grande importância para ____

Fazer generalizações quanto ao tópico:

O autor X explorou a área de ____
O senso comum indica que ____
Durante muito tempo ouviu-se que ____
Um problema de longa data foi obter informações sobre ____
As características gerais de ____ são bem conhecidas.
____ é um achado comum na área X/situação Y ____
Um sistema elaborado de ____ é encontrado no ____

Revisar a literatura de pesquisas prévias:

A teoria de X constitui uma revolução científica que ____
A explicação da relação entre ____ é um problema clássico de ____
A pesquisa sobre ____ influenciou ____
A teoria de ____ levou a humanidade compreender que ____
A relação entre ____ foi estudada por muitos autores.
O termo cunhado por Autor X é conhecido na área

Propondo questionamentos:

Uma questão central em ____ é a validade de ____
Acredita-se que a ____ seja uma questão ____
Daí a questão que nos coloca autor X:
Seria essa a intenção de autor X ao propor ____?

Indicando algo implícito no texto:

Desde que o autor X descobriu que ____ considera-se que ____
Os dados foram apresentados por X, nos levam a considerar ____
Os dados foram apresentados por X, evidenciam ____
Embora autor X não coloque dessa maneira, é possível interpretar que ____

Introduzindo uma discussão atual:

Nos últimos anos, são frequentes as discussões a respeito _____

Nos últimos anos, surgiram muitos artigos descrevendo _____

Nos últimos anos, pesquisas como a de X assinalam a presença cada vez mais significativa...

A tendência atual é acreditar que _____

Esse tema é de fundamental por envolver _____. Algo que ainda é atual.

Nos últimos anos, os pesquisadores se tornaram cada vez mais interessados em _____

Foi, sobretudo, mais recentemente que esse assunto despertou o interesse de pesquisadores _____

Recentemente, houve grande interesse em _____

A possibilidade de Autor X gerou interesse em _____

O efeito de _____ tem sido amplamente estudado nos últimos anos.

Muitos pesquisadores recentemente se voltaram para _____

Há agora muita evidência para apoiar a hipótese de que _____

Pesquisas anteriores mostraram que a _____

É comum sugerir que _____

Embora muitos considerem _____, alguns discordam com base no argumento _____

Atualmente discute-se a questão da _____. Alguns afirmam que _____, outros _____.

Atualmente existem discordâncias: _____; _____

Discordar/ contrariar o argumento:

Embora autor X afirmasse que _____, ele (a) não previu que _____

Pesquisas mostram que autor X estava equivocado quando afirmou _____

É questionável a posição de autor X, pois _____

Com base nos estudos atuais de autor X(ano) e Y (ano), pode-se perceber que o autor estava equivocado.

Citar autores de forma indireta:

Nas palavras de _____

O autor propõe/propôs _____

O autor X acrescenta que _____

O autor X reconhece/concordou/concorda/argumenta/enfatiza/afirma que _____

Tal coisa levou o autor X a pensar que/ a conclusão de que _____

Fonte: Autoras (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial do estudo foi fazer uma análise dos três movimentos retóricos, chamado de Modelo CARS (*Create a Research Space*), proposto por Swales (1990) e apresentar alguns exemplos desses movimentos. Para isso, foram compiladas 48 introduções de artigos científicos da área de psicologia psicodinâmica e psicanalítica para verificar se o modelo ainda era válido atualmente e se seria possível encontrar diferenças entre a escrita de textos em português brasileiro e inglês americano.

Por meio deste estudo foi possível verificar que existe sim uma padronização quanto aos movimentos retóricos, porém, não são totalmente rígidos, de modo que o modelo CARS é, ainda, aplicável. Percebeu-se uma maior contextualização acerca do tema da pesquisa e revisão de literatura na tentativa de mostrar a importância do tema e uma baixa ocorrência do movimento 2 nos textos, responsável por tratar da da problematização da pesquisa, o que é algo que chama a atenção, por ser um elemento muito relevante para convencer o leitor da necessidade da pesquisa, visto que, se não há problemas, por qual motivo seria desenvolvido o estudo? Nesse sentido, parece faltar clareza e, até mesmo, habilidades textuais, por parte dos pesquisadores em mostrar a importância, motivações e problemas da pesquisa na construção retórica.

Outro fator de destaque foi o fato de que alguns artigos de revisão de literatura presentes na amostra não delimitavam a seção da introdução. O texto começava e só terminava na conclusão, dificultando, desta forma, a análise da seção de introdução. Esse detalhe se mostrou relevante, uma vez que é uma das “marcas registradas” do gênero científico a divisão das seções, que inclusive facilita a leitura gênero textual.

Nesses casos foi necessária uma análise mais atenta (e mais extensa) para tentar distinguir em que ponto se acabava a contextualização e iniciava-se o desenvolvimento de fato. Em casos em que essa distinção não se deu de maneira clara, optou-se por analisar apenas o início do texto de forma que o número de páginas analisadas não ultrapassasse $\frac{1}{4}$ do artigo em sua totalidade. Ou seja, se o artigo tivesse 16 páginas ao todo, e não separava a seção da introdução e desenvolvimento, a análise não ultrapassaria a página 4 da pesquisa.

É interessante destacar que houve um movimento retórico encontrado não mencionado no Modelo CARS, o levantamento de hipóteses. Esse fator foi

observado apenas em ACs originais, e sempre no final da introdução junto com o movimento 3 (objetivo). Para Gil (2002) toda a pesquisa empírica começa com um problema solucionável e o pesquisador apresenta uma proposição que poderá ser verdadeira ou falsa, ou seja, uma hipótese. Segundo o autor, toda coleta de dados precede da formulação dessa hipótese, mas nem todas as pesquisas deixam essa informação explícita no texto.

Concluiu-se com este estudo que estamos em meio a um processo da padronização da escrita científica, contudo, ainda é preciso avançar na produção dos textos para que o fluxo das informações seja claro e objetivo. Essas regras e normas auxiliam tanto na leitura quanto na construção do texto. Esse é um campo do conhecimento que merece atenção, pois, por se aplicar ao campo da linguagem, é inevitável que perpassasse outras áreas de produção de conhecimento por meio dos movimentos retóricos, que refletem a intenção do autor.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, I. de S. **Como escrever artigos científicos**: sem arroteio e sem medo da ABNT. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- _____. **Como ler artigos científicos**: da graduação ao doutorado. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 6022**: Informação e documentação – artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FORATTINI, O. P. A tríade da publicação científica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 3-12, jan. 1996.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- GIBBON, A. O modelo de Swales e o metadiscorso: um estudo sobre as introduções. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 219-237, jun. 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, H. de A.; WANDERLEY, L. de L.; NASCIMENTO, M. B. da C. Artigo científico: contribuições à construção do conhecimento no ensino superior. In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA, 6., 2014, Aracaju. **Anais...** Aracaju: 2014.
- GRAFF, G.; BIRKENSTEIN, C. **They say, I say**: the moves that matters in academic writing. 3rd ed. New York: WW. Norton & Company, 2014.
- MARCUSCHI, L. A. et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 1-20.
- PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, n. 40, p. 147-162, jun. 2010.
- SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, set. 2000.
- _____. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- SCHIMEL, J. **Writing science**: how to write papers that get cited and proposals that get funded. New York: Oxford University, 2012.
- SILVA, C. F. da; SILVA, C. M. da; MARIAN, J. O estudo da escrita argumentativa: uma análise da fundamentação teórica em artigos científicos. **Caderno PAIC**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 479-496, 2018.
- SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge University, 1990.
- VOLPATO, G. L. O método lógico para redação científica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Bocatú, v. 9, n. 1, p. 1-14, jan. 2015.